

A influência dos Estados Unidos na educação paulista: ensino secundário e superior agrícola (ESALQ/USP) - Piracicaba (1881-1985)

RODRIGO SARRUGE MOLINA¹

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as relações entre uma das principais escolas de agricultura da América Latina, a ESALQ/USP, e professores dos Estados Unidos, os quais, desde os primeiros momentos de fundação da escola, estão presentes direta ou indiretamente no interior da centenária instituição piracicabana. Por limitações estruturais brasileiras e sua dependência histórica diante dos países do norte, foi constatado que as intervenções estadunidenses na educação agrícola foram uma estratégia imperialista de ideologização cultural dos brasileiros, solicitada pela classe dirigente brasileira, acentuada na década de 1960, período de efervescência da Guerra Fria e da ditadura civil-militar, quando foram assinados diversos convênios com o governo norte-americano via USAID. O aporte teórico e a metodologia utilizada fundamentam-se no materialismo histórico dialético e na pesquisa com fontes primárias encontradas na ESALQ/USP, no IHGP, no Arquivo do Estado de São Paulo e também em pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave: Estados Unidos. Educação agrícola. ESALQ. Imperialismo.

The influence of the U.S. in paulista education: agricultural education (high and higher levels) in ESALQ/USP at Piracicaba (1881-1985)

Abstract

The objective of this article is analyze the relationship between one of the main agricultural schools in Latin America, ESALQ/USP and professors from the

United States who, since the first moments of the school's foundation are present directly or indirectly within the centenary institution located in Piracicaba, SP Brazil. For Brazilian structural reasons and its historical dependence on the countries of the North, US interventions in agricultural education were an imperialist strategy of cultural ideology of Brazilians, requested by the Brazilian ruling class and accentuated in the 1960s, period of effervescence of the Cold War and the civil-military dictatorship in Brazil, when several agreements were signed with the US government by USAID. The theoretical contributions and methodology were based on dialectical historical materialism and in the research with primary sources found in ESALQ / USP, IHGP, SP State Archive and bibliographic research.

Keywords: United States. Agricultural education. ESALQ; Imperialism.

La influencia de los E.E.U.U en la educación paulista: la enseñanza secundaria y superior agrícola en ESALQ/USP, Piracicaba (1881-1985)

Resumen

El objetivo de este artículo es analizar las relaciones entre una de las principales escuelas de agricultura de América Latina (ESALQ / USP) y profesores de los Estados Unidos que desde los primeros momentos de la fundación de la escuela están presentes directa o indirectamente dentro de la institución centenaria de Piracicaba, SP, Brasil. Por las limitaciones estructurales brasileñas y su dependencia histórica ante los países del Norte, constatamos que las intervenciones estadounidenses en la educación agrícola fue una estrategia imperialista de ideologización cultural de los brasileños, al mismo tiempo que fue solicitada por la clase dirigente brasileña. Esto fue acentuado en la década de 1960, período de efervescencia de la guerra fría y de la dictadura civil-militar, cuando se firmaron varios convenios con el gobierno norteamericano por la USAID. La teoría y metodología se basó en el materialismo histórico dialéctico y en la investigación con fuentes primarias que se encuentran en la ESALQ/USP, IHGP, Archivo del Estado de SP e investigación bibliográfica.

Palabras clave: Estados Unidos. Educación agrícola. ESALQ. Imperialismo.

A gênese da “Luiz de Queiroz” e a influência dos Estados Unidos²

A Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ) (Foto 1) foi inaugurada oficialmente em 1901 pela Secretaria de Agricul-

tura paulista e, desde 1934, faz parte da Universidade de São Paulo (USP). A instituição, que foi projetada para funcionar como curso secundário em agronomia prática, tem sua origem na figura de um homem chamado Luiz Vicente de Souza Queiroz e em uma associação da burguesia paulista denominada Brazilian Gentleman (MOLINA, 2011).

Foto 1 – *Campus* da ESALQ/USP, em Piracicaba. Ao centro, encontra-se o prédio central da escola, uma das bases do agronegócio brasileiro. Ao redor, o complexo educacional com o colégio em regime de internato (prédio central), o parque traçado, as oficinas e residências, o armazém de maquinário e o posto zootécnico, finalizados em 1907.



Fonte: acervo do Museu “Luiz de Queiroz” (s/d).

Em 1873, Luiz de Queiroz, com 24 anos, herdou de seu pai a fazenda Engenho d’Água, na antiga Vila de Constituição, hoje Piracicaba. Queiroz e sua família tinham a base de seu poder no controle dos meios de produção: a fazenda, os escravos, os trabalhadores livres e alguns maquinários. Em Piracicaba, foi empresário, tendo se dedicado à atividade industrial, importando maquinário dos Estados Unidos, instalando a Fá-

brica de Tecidos Santa Francisca (antiga Boyes) e uma usina hidrelétrica (hoje Museu da Água), pois a geografia favorável do salto no rio Piracicaba assim o permitia.

Em 1891, Luiz de Queiroz realizou uma viagem aos Estados Unidos a fim de contratar Eugene Davenport, professor de agricultura do Michigan Agricultural College para exercer, por um ano, o cargo de diretor do futuro “Colégio Agrícola de São Paulo” que pretendia erguer em Piracicaba. Fazia parte das funções do diretor supervisionar a construção do edifício, administrar a fazenda, conceder orientação para os estudos e deveres dos alunos e selecionar professores, com base no modelo pedagógico estadunidense de agricultura, especialmente com base na concepção de Land-Grant Colleges³ e do método intuitivo.

O programa pedagógico proposto pelo projeto da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo para a Escola Agrônômica de Piracicaba foi fundamentado no método intuitivo, provavelmente sob a inspiração dos Estados Unidos e da França. Tal concepção de ensino preconizava que as disciplinas teóricas fossem minoritárias e que o destaque deveria ser dado aos exercícios práticos nos campos experimentais.

Do ponto de vista geopolítico, vivia-se sob o poderio estadunidense, pela decretação da “Doutrina Monroe”, a qual proclamava que a América deveria ser somente para os americanos. Essa doutrina, expressa pela primeira vez em 1823 e subsequentemente repetida e elaborada pelos governos dos Estados Unidos, manifesta hostilidade a qualquer outra colonização ou intervenção política de potências europeias no hemisfério ocidental. Mais tarde, passou a significar que os Estados Unidos eram a única potência do mundo com direito de interferir em qualquer ponto do hemisfério. À medida que foram se tornando mais poderosos, a Doutrina Monroe foi sendo encarada com mais seriedade pelos Estados europeus (HOBSBAWM, 2004).

Essa autodeterminação dos Estados Unidos desembocou, por volta de 1901, na política do “Big Stick” (Grande Porrete) de Theodore Roosevelt, na qual a diplomacia estadunidense era afirmada da seguinte forma: “Fale manso e carregue um grande porrete; você irá longe” (“Speak softly and carry a big stick; you will go far”).

Nesse contexto, o Brasil já era uma nação “independente”; no entanto, sofria uma esfera de influência, ou domínio, dos impérios do norte. Economicamente, era dependente da Inglaterra; já do ponto de vista geopolítico, vivia sob o poderio estadunidense pela decretação da “Doutrina

Monroe”, que proclamava que a América deveria ser somente dos americanos, ou melhor, dos estadunidenses. Essas políticas de imposição, pelo canhão ou pela cooptação, fizeram com que o Brasil tivesse sua dinâmica determinada pelos centros capitalistas, os quais repartiam o globo de acordo com seus interesses imperialistas.

Nessa divisão global, a posição “destinada” ao Brasil era fornecer matérias-primas – especialmente o café – com baixos preços aos centros consumidores do norte, o que redundava em um sistema produtivo rudimentar e altamente exploratório. No sentido inverso, o baixo desenvolvimento técnico-científico brasileiro acabou por determinar uma profunda dependência e exploração que favoreceram os centros capitalistas europeus e estadunidenses, os quais lucravam com o fornecimento de produtos industrializados e primários e até de empréstimos a altos juros, condenando o Brasil à miséria.

Esse processo de dependência técnico-científica foi expresso pelo diretor belga da “Luiz de Queiroz” em 1893, quando ele reportou – em seus artigos e relatórios publicados – o desenvolvimento urgente da agricultura científica no estado de São Paulo, que deveria se inspirar para além dos modelos franceses, agregando também as experiências advindas do sistema educacional estadunidense. No trecho do jornal “Gazeta de Piracicaba”, pode-se observar um esboço de suas propostas:

Devidos, em grande parte, às engenhosas aplicações da Mecânica e da Química, estes progressos foram, como é sabido, poderosamente propagados pelas escolas industriais e as escolas agrônômicas. Pode-se dizer até, como aforismo de Economia Política, que os países mais adiantados hoje, são precisamente os que sustentam as mais afamadas escolas profissionais (MORIMONT, 1893, s/p).

Nesse sentido, sob a influência do liberalismo e entusiasmado pelas experiências estadunidenses na acumulação de capital, Morimont propôs ao estado de São Paulo um projeto de Escola Prática de Agricultura que promovesse o “espírito científico”, fator decisivo para aumentar a produção nas fazendas e indústrias. No entanto, não se pode deixar de notar a contradição existente no fato de ele defender o liberalismo e ser um funcionário do estado, que entendia o governo como fundamental para a manutenção do desenvolvimento nacional.

A direção da escola procurava ser um exemplo de produção com a sua fazenda-modelo, composta de seus próprios funcionários braçais. A função desses campos de experiência era “comprovar” a eficiência da ciência articulada ao campo e, portanto, ser um paradigma de produção para as demais propriedades do estado paulista.

Para atender a essas demandas, a fazenda foi articulada com a economia local, ou seja, a produção de algodão da escola abastecia a Fábrica de Tecidos Aretusina, em Piracicaba, antiga propriedade de Luiz Vicente de Souza Queiroz, denominada “Santa Francisca”. Essas articulações entre a fábrica de tecidos e a educação também foram almejadas por Queiroz em 1884, quando publicou uma cartilha sobre métodos racionais de plantio de algodão para fazendeiros da região, principalmente os estadunidenses que se instalavam na região de Piracicaba, Americana e Santa Bárbara D’Oeste (1866-1890), especialmente confederados fugitivos da guerra civil dos Estados Unidos (1861-1865), que encontraram condições atraentes na manutenção dos sistemas de trabalho escravista no Brasil e condições geoclimáticas favoráveis para a plantação da cultura do algodão.

Em 1883, os estadunidenses também se destacaram na constituição do ensino privado religioso por meio da institucionalização do “Colégio Piracicabano”, construído pelos religiosos missionários da Igreja Metodista, sob a liderança da norte-americana do Kentucky, Martha Walts⁴.

Nesse contexto, o Inspetor de Agricultura do 5º Distrito Agrônômico, José Amândio Sobral, homem do Partido Republicano Paulista (PRP) e do governo estadual, afirmava publicamente que os caminhos da Escola Agrícola “Luiz de Queiroz” deveriam trilhar as experiências estadunidenses e seguir esse modelo de instrução agrícola. O agrônomo dizia estar determinado a cumprir as ordens do governo, visando “administrar um ensino, antes de tudo prático, à maneira do que se professa nos cursos profissionalizantes dos Estados Unidos” (PERECIN, 2004, p. 231) (Foto 2).

Além de Eugene Davenport, professor de agricultura do Michigan Agricultural College, outro diretor estadunidense que administrou a “Luiz de Queiroz”, hoje ESALQ/USP, foi Clinton D. Smith, diplomado pela Universidade de Cornell, que esteve em Piracicaba entre os anos de 1908 e 1912 (FERRAZ, 1911)

Consta que, em 1908, Clinton D. Smith lecionou Geografia e Economia Política na “Luiz de Queiroz” e lutou pela implantação da concepção de educação técnica dos Estados Unidos na fazenda-escola paulista,

que primava pela oferta de disciplinas aplicadas e teóricas baseadas em instrumentos didáticos e científicos em museus, gabinetes, laboratórios, campos de experiência agrícola e cultivo comercial e, minoritariamente, matérias das humanidades como Educação para o Civismo, História e Línguas. O plano de estudos sobressaía pela análise dos exemplos concretos para “chegar aos princípios abstratos, do próximo real do campo e da lavoura para o distante, científico, até atingir o cultural, ‘from the real to the ideal’”, frase que poderia se tornar emblemática para a administração do Dr. Clinton D. Smith” (PERECIN, 2004, p. 354).

Foto 2 – Treinamento militar de alunos da “Luiz de Queiroz”, posicionados em frente ao prédio central. Essa prática era recorrente nas escolas agrícolas dos Estados Unidos e copiado em Piracicaba. A instrução militar, componente curricular, era denominada “Arma de Engenharia”. Esse pelotão era formado de 60 estudantes e existiu durante muitos anos da Primeira República. As instruções militares, em 1911, eram realizadas semanalmente, às segundas-feiras, das 14h às 15h. Acredita-se que alguns desses estudantes treinados militarmente foram combatentes na Guerra Civil de 1932.



Fonte: acervo do Museu da ESALQ (s/d).

Em conjunto com a Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, foi elaborado um planejamento educacional para a Escola Agromônica de Piracicaba, com base no método intuitivo sob a inspiração das

escolas de agricultura dos Estados Unidos, influenciadas, nessa época, por uma série de legislações federais americanas, como o Agricultural College Act, derivado do Homestead Act (1862). Tal concepção de ensino preconizava que as disciplinas teóricas fossem minoritárias e que o destaque deveria ser dado aos exercícios práticos nos campos experimentais. Ou seja, um ensino não “academicista”, mas também sem o abandono da erudição teórico-científica (MOLINA, 2011).

Segundo o regulamento da Escola:

Por metodologia de ensino, deveria adotar-se o caminho “intuitivo-demonstrativo”, acessível, a posteriori, pela indução dos conhecimentos teoricamente confirmados em sala de aula, gabinetes ou laboratórios, que teriam em vista uma ulterior dedução a partir dos princípios e a reprodução das experiências, objetivando a aplicação prática na agricultura. Essa era a marcha que o regulamento estabelecia como necessária para a formação de um técnico em agricultura, o profissional portador dos conhecimentos agrônômicos, livre do academicismo reservados à Escola Politécnica e ao pesquisador qualificado no Instituto Agronômico de Campinas (IAC) (PERECIN, 2004, p. 228).

É importante relatar que, naquele período, também houve influência estadunidense na Escola Agrícola de Lavras (ESAL-1908), “no que tange à organização, ao funcionamento, aos currículos e aos métodos de ensino”. Em Piracicaba, na “Luiz de Queiroz” (1901), a “influência estadunidense era contrabalaneada pela influência europeia que, na Bahia (1887), em Pelotas (1891) e nas escolas politécnicas era praticamente exclusiva” (CAPDEVILLE, 1991, p. 58).

Outro norte-americano que trabalhou na escola agrícola “Luiz de Queiroz” foi Milton M. Underdown⁵, contratado para ser o administrador da fazenda-escola e também ministrar aulas.

Pela alta carga de trabalhos na fazenda-modelo, o estado, por meio do Decreto nº 1.076, de 22 de dezembro de 1902, alterou a organização da “Luiz de Queiroz” e dividiu a administração do *campus* em duas partes: uma reservada à direção pedagógica da escola-prática e outra destinada ao controle da produção da fazenda-modelo. O responsável pela administração da fazenda teria a função de “capataziar” (vigiar) os funcionários, controlar as sementes e as máquinas visando à articulação com os mercados regionais.

Para isso, a Secretaria da Agricultura contratou o agrônomo estadunidense Milton M. Underdown, que publicou, em 1903, um relatório sobre a distribuição das culturas trabalhadas na fazenda-modelo: milho (26 ha), algodão (5 ha), arroz (8 ha), feijão (8 ha) e outras culturas (12 ha). Tais experimentos mostraram progressos, já que, entre 1903 e 1904, a área de cultivo aumentou de 20 ha para 60 ha. A produção e a articulação da fazenda-modelo com os mercados locais rendiam lucro para a “Luiz de Queiroz”, porém o dinheiro não poderia ser usado em benefício da escola, pois seu destino era o tesouro do governo central em São Paulo (PERECIN, 2004).

Desde os primeiros projetos de construção da ESALQ em 1881, São Paulo aguardou 22 anos para que se formasse sua primeira turma de agrônomos em 1903, já inserida em uma crise. A “Luiz de Queiroz” iniciou 1904 com atraso de três meses no pagamento dos empregados (professores e demais funcionários) e com dívidas com os fornecedores. O administrador da fazenda-modelo, Milton Underdown, pediu demissão e voltou para os Estados Unidos no mesmo ano. Diante dessa precariedade, a escola se esvaziou, e, das cinco cadeiras oficiais, a instituição contava somente com três professores e uma matrícula de aluno para o primeiro ano em 1904 (PERECIN, 2004).

Para substituir Underdown, o estado contratou temporariamente outro estadunidense para administrar a fazenda-modelo, Lee Fergusson. Conhecido na região de Piracicaba por ser excelente arador, Fergusson era descendente dos imigrantes do sul dos Estados Unidos, pertencente ao grupo dos confederados que perderam a guerra civil norte-americana e se transferiram para a região de Piracicaba, Americana e Santa Bárbara D’Oeste em meados do século XIX. “A tradição oral da sua família lembra que prestara serviços à escola, instrumentando a aparelhagem mecânica, principalmente os aratórios” (PERECIN, 2004, p. 278).

Apesar de ser qualificado, a Secretaria da Agricultura paulista preferiu demitir Fergusson para contratar outro estadunidense que estivesse na área acadêmica. Foi assim nomeado John William Hart (Foto 3), da Universidade de Illinois, que assumiu importantes tarefas administrativas na fazenda-escola.

A experiência que se oferecia em 1905 era uma nova oportunidade de se chegar com êxito desiderato. Em 1906, o novo regulamento se achava no segundo ano de vigência, tudo indicando que a cadeira de agricultura e ensino da agri-

cultura prática na fazenda-modelo havia se convertido em ponto vital do currículo, ambos em mãos de especialistas contratados no exterior, o dr. Louis Misson, do Institut de Gemgloux, Bélgica, e o dr. John William Hart, da Universidade de Illinois, Estados Unidos (professor de Agricultura Prática na fazenda-modelo) (PERECIN, 2004, p. 293).

Assim, na gênese da “Luiz de Queiroz” e da educação agrícola secundária (ensino médio técnico agrícola), a escola de Piracicaba ficou conhecida em todo o país como transmissora de conhecimentos agrônômicos e vanguarda na mecanização agrícola. Para além de atender à sua “clientela” advinda da elite paulista, mineira e carioca, a escola também oferecia treinamento para os fazendeiros da região de Piracicaba

As aulas de John William Hart eram ministradas diariamente na fazenda-escola, entre 7h e 9h, para as turmas do primeiro ano, e entre 7h e 8h, para as turmas do segundo e do terceiro ano (uma aula para cada).

Além das atividades docentes, da administração da fazenda-escola e do trabalho de extensão agrícola com os fazendeiros da região de Piracicaba, William Hart também era solicitado para colaborar com a Secretaria da Agricultura paulista, especialmente na formulação de projetos educativos nas áreas públicas.

Portanto, mesmo com imensas dificuldades estruturais e culturais, os professores estadunidenses foram para o interior paulista empreender trabalhos acadêmicos, colaborando para a docência, a pesquisa e a extensão. Muitos deles estavam interessados na carreira, nos altos salários e ainda em uma nova experiência nos trópicos para alimentar seus currículos. Também houve oportunidades de absorvê-los, pois a Secretaria da Agricultura paulista não dispunha de corpo técnico qualificado e tinha preferência pela concepção educacional estrangeira na constituição de suas escolas agrícolas.

Na “Era dos Impérios”, os países eram dominados econômica e ideologicamente pelas potências do norte, o que não foi diferente na concepção educacional da primeira escola agrícola técnica de nível médio paulista, a “Luiz de Queiroz”. Como se pôde constatar, desde sua gênese, a escola foi influenciada pelos agrônomos e professores das universidades dos Estados Unidos, especialmente com base na concepção de agricultura professada da Universidade Estadual de Michigan (Michigan Agricultural College), Universidade de Cornell (College of Agriculture) e da Universidade de Illinois (Agriculture Illinois State University).

Foto 3 – O administrador e professor John William Hart e sua esposa, na varanda da sua casa no interior da fazenda-escola “Luiz de Queiroz”, hoje *campus* da USP de Piracicaba. Na época, os professores e os administradores recebiam casas e moravam dentro da escola para se dedicar integralmente aos trabalhos de docência e produção agrícola. Outro fator para o “internato” docente era a grande distância da escola com o centro da cidade, o que dificultava o trânsito pela falta de estradas e transporte público.



Fonte: acervo fotográfico da ESALQ/USP (s/d).

A presença dos Estados Unidos na ESALQ/USP consolidada

No ano de fundação da Universidade de São Paulo (USP) – 1934 –, a escola deixou de ser administrada pela Secretaria da Agricultura e passou para o seu domínio. Estudos de mestrado (MOLINA, 2011) e doutorado (MOLINA, 2016) diagnosticaram que, nos primeiros anos da escola, ocorreu grande esvaziamento, e a instituição foi ameaçada de ser fechada em decorrência da falta de financiamento e da preferência da elite em realizar cursos de Medicina ou de Direito. Além das precariedades locais, é pertinente reportar questões estruturais da sociedade brasileira, como não investimentos em tecnologias agrícolas (agricultura intensiva) e destruição de novas áreas para plantio (agricultura extensionista)⁶.

Apesar das dificuldades iniciais, a “Luiz de Queiroz” resistiu e se consolidou como um dos principais centros de educação e ciências agrícolas da América Latina, e, por isso, os Estados Unidos nunca deixaram de olhar com atenção para essa instituição. Em contrapartida, tradicionalmente os esalqueanos sempre foram passivos e abriram suas portas para os “irmãos do norte” entrarem, oferecendo a eles todos os benefícios.

Segundo documentos do museu “Luiz de Queiroz”, em decorrência da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e do alinhamento do governo brasileiro com os Estados Unidos no fronte de batalha, na área econômica, política e cultural foram fortalecidos programas de intercâmbio entre esalqueanos (professores, estudantes e funcionários da ESALQ/USP) e universidades dos Estados Unidos, na época incentivados pelo diretor e professor Mello Moraes. Portanto, a opção brasileira em entrar no conflito ao lado dos Estados Unidos e os aliados também se refletiu na escola.

Conforme apontou Welch (2014), que desvendou uma série de documentos dos arquivos centrais da Fundação Rockefeller nos Estados Unidos, os cientistas da ESALQ, especialmente o alemão Friedrich Gustav Brieger, que imigrou para Brasil em 1936, reportou sua participação nesse processo internacional entre o ano de 1941 até a década de 1970, mesmo período em que coordenou os estudos de genética em Piracicaba. Nesses documentos, Brieger narra sua frustração com o Brasil e seus esforços com administradores e colegas para com os representantes dos Rockefeller, incluindo Harry Miller, que, em missão para “caçar talentos” na América do Sul, descreveu Brieger como o único professor first-class da ESALQ (MILLER, 1941 *apud* WELCH, 2014).

Consta que Friedrich Gustav Brieger integrava um tipo de “exército de reserva de luxo” dos Rockefeller, e, em conjunto com o Departamento de Estado dos Estados Unidos, criaram uma campanha para desenvolver uma “reserva de experts latino-americanos para provável uso no futuro”, definidos pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos como “núcleos úteis” (THOMPSON, 1940 *apud* WELCH, 2014, p. 5).

Para isso, a fundação Rockefeller, sediada em Nova Iorque, investiu em amplos e sistemáticos programas de pesquisa, acumulando uma valiosa reserva de intelectuais e produtos na ESALQ/USP.

Os estadunidenses foram fundamentais para a construção de diversos programas, projetos e fornecimento de equipamentos importados dos Estados Unidos para Piracicaba, especialmente materiais sofisticados de escritório e laboratório, como foi o primeiro computador da “Luiz de

Queiroz?”. Esses intelectuais também foram assistidos com bolsas para viagens de estudos e treinamento, especialmente o Departamento de Genética, sob forte influência da família Rockefeller.

Apesar de a fundação atuar inicialmente no Rio de Janeiro, então capital do Brasil, a riqueza e o dinamismo paulista colaboraram para a fundação focar seus investimentos em São Paulo, principalmente após a Segunda Guerra Mundial. As aplicações no desenvolvimento da ESALQ/USP, assim como do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), forjaram uma parte considerável das instituições brasileiras à disposição da família Rockefeller no campo das ciências agrícolas. Os documentos desvendados por Welch (2014) também revelam que, para além da Fundação Rockefeller, estiveram envolvidos nesses projetos a American International Association for Economic and Social Development (AIA) e a International Basic Economy Co (IBEC), além das visitas pessoais de membros da família Rockefeller, especialmente Nelson A. Rockefeller (Foto 4).

Após a Segunda Guerra Mundial, destacam-se os anos de 1952 e 1953, quando ocorreu a doação das primeiras máquinas de calcular para a Cadeira de Matemática. Por meio da Fundação Rockefeller, as máquinas foram doadas e trazidas para Piracicaba, após o aperfeiçoamento do Prof. Dr. Frederico Pimentel Gomes na Universidade da Carolina do Norte (EUA). Foi também nesse mesmo período que avançaram as pesquisas de estatística entre os professores da “Luiz de Queiroz”⁷.

Em 1964, com o golpe civil-militar e a instauração da ditadura militar apoiados pelos Estados Unidos, uma série de modificações ocorreu na instituição, tais como intervenções do governo estrangeiro para auxiliar na implantação da pós-graduação em 1964 e a inauguração de novos cursos de graduação como o de Economia Doméstica em 1967 e o de Engenharia Florestal em 1972. Concomitantemente, entretanto, houve episódios de repressão e perseguição contra professores e estudantes que criticavam o regime empresarial-militar (MOLINA, 2016)

Nesse contexto, o *campus* da USP de Piracicaba passou a abrigar, desde 1966, o Centro de Energia Nuclear na Agricultura (CENA). Trata-se de um centro de estudos que obteve grande participação ideológica e material de agrônomos estadunidenses. Segundo dados do professor Eurípides Malavolta, o ensaio da presença dos estadunidenses no CENA pode ser evidenciado com a presença do professor C. C. Delwiche, da Universidade da Califórnia, que ficou durante quatro meses na ESALQ/USP, em 1956 (LEÃO, 1997).

Foto 4 – Nelson Rockefeller, vice-presidente dos Estados Unidos entre 1974 e 1977, foi homenageado pelos formandos de 1941 e foi patrono da turma de 1964. Além de Rockefeller, destaca-se a presença do gerente da Ford no Brasil como patrono da turma de 1965.



Fonte: fotografia retirada pelo autor, do quadro de formandos de 1964, instalado no corredor do prédio central da ESALQ-USP (s/d).

Ainda segundo o professor Malavolta, um dos primeiros professores do CENA, os estadunidenses, por meio da Fundação Rockfeller, doavam equipamentos aos ex-bolsistas brasileiros que estudaram nos Estados Unidos para prosseguirem os empreendimentos iniciados naquele país (ESALQ, 1975).

Porém, do ponto de vista da penetração ideológica do imperialismo estadunidense na ESALQ/USP, mais importante do que a estruturação material fornecida ao CENA, foi o suporte oferecido à criação da pós-graduação em Ciências Agrônomicas em 1964. Por meio de um convênio entre o Ministério da Educação do Brasil (MEC) e a United States Agency for International Development (USAID), a ESALQ/USP foi inserida em um convênio com a Ohio University, umas das instituições mais conservadoras dos Estados Unidos, principalmente na área de Ciências Sociais Aplicadas ao Meio Rural. Por esse acordo, foi possível formar a maior parte dos pesquisadores ligados ao atual agronegócio.

O convênio entre a ESALQ/USP e a USAID/Ohio University

No decorrer da história da ESALQ, a maior influência norte-americana se firmou entre o governo dos Estados Unidos, por meio da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), e a Universidade de São Paulo, em que a Ohio State University representou os interesses estadunidenses, e a ESALQ, os nacionais.

Com forte presença entre as décadas de 1960 e 1970 (1964-1973), o convênio foi assinado em abril de 1964, ao mesmo tempo que o país vivia as movimentações golpistas e a implantação da ditadura civil-militar com apoio yankee⁸. Porém, o acordo binacional na área educacional, tecnológica, cultural e ideológica já vinha sendo costurado por meio do “Ponto IV”⁹, visando assegurar a hegemonia dos Estados Unidos na América Latina em um contexto de Guerra Fria.

O documento que sistematizou o convênio entre a USAID e a ESALQ determinava: “Adaptar o ensino, a pesquisa e a educação do lavrador na ESALQ, ao padrão do sistema norte-americano de Land-Grant Colleges” (CAPDEVILLE, 1991, p. 38). O convênio financiou o intercâmbio de professores estadunidenses para Piracicaba que, em média, permaneceram de dois meses a quatro anos na cidade. Em contrapartida, muitos professores, alunos e funcionários foram realizar pós-graduação e treinamento técnico em Ohio (ESALQ75, 1975).

Segundo os dados institucionais, entre 1964 e 1973, 75 professores da ESALQ/USP foram estudar no estado de Ohio nas instituições estatais: College of Agriculture and Home Economics, associado ao The Ohio Agricultural Research and Development Center. Destes, 55 concluíram o doutorado em Agricultura em instituições daquele Estado.

Nesse contexto, lecionaram na ESALQ 60 professores dos Estados Unidos que tinham o objetivo de intervir na graduação, na pós-graduação, nos cursos abertos (especializações e workshops), na pesquisa científica, na burocracia estatal brasileira – por meio de articulações nas Secretarias da Agricultura e da Fazenda – e na iniciativa privada, prestando assessoria a diversas empresas, agroindústrias e fazendas (MOLINA, 2016).

Na questão universitária, o grande interesse do intercâmbio foi a criação do programa de pós-graduação em Agricultura no *campus* da USP de Piracicaba, o que foi possível por meio do fomento internacional da USAID, da USP e de diversas agências federais que proporcionaram cus-

teio de bolsas, viagens, estadia, equipamentos de laboratório, livros, eventos e outros aspectos relevantes ao meio acadêmico (MOLINA, 2016).

Ainda no período 1960/1970, foi instalada uma “base de operações” dos professores e técnicos dos Estados Unidos na antiga biblioteca da ESALQ, próximo ao prédio central, que passaram a atuar para além dos muros da ESALQ, quando estiveram em contato com várias instituições de ensino, pesquisa e produção agrícola, como foi a Secretaria de Agricultura paulista, a Universidade Federal de Viçosa, o Instituto Agrônomo de Campinas, agroindústrias da cana-de-açúcar, frigoríficos etc.

Ideologicamente, as fontes primárias revelam uma visão paternalista dos estadunidenses no Brasil, demonstrando legitimar a intervenção da USAID em solo nacional pelas vias da colaboração e aperfeiçoamento do sistema produtivo brasileiro e de seus trabalhadores, tanto empregados quanto patrões. O plano denominado “Programa Energético de Educação Elevada” previa um convênio que elevasse culturalmente os brasileiros pela universidade pública (educação, pesquisa e extensão). Para isso, os estrangeiros passaram a intervir no currículo e no conteúdo das disciplinas da instituição, que deveriam estar alinhados ao novo plano de desenvolvimento do capitalismo brasileiro pós-1964 (USAID/ESALQ, 1964).

Para implantar esse plano de modernização conservadora¹⁰ de Piracicaba para o Brasil, vieram ao país os seguintes professores de Ohio e suas famílias (Foto 5): John H. Sitterley, economista e chefe da missão OSU-USAID¹¹; Eva Wilson, da área de economia doméstica; Clyde Allison, da fitopatologia; Alvin Moxon, especialista em nutrição de animais; John I. Parsons, da área de forragens e pastagens; Charles Triplehorn, especialista em entomologia, extensão e métodos; Clair W. Young, que lecionou métodos de pesquisa e extensão agrícola; e Walter Harvey, que trouxe a disciplina e pesquisas de genética animal (melhoramento).

Conforme é constatado, o relatório chamado “Country Analysis and Strategy Paper (CASP)”, de 1969, é um estudo em que os objetivos dos Estados Unidos no Brasil ficam explícitos, e um dos principais objetivos elencados para o convênio internacional era fomentar a amizade entre os povos norte-americanos e brasileiros, mas priorizando os interesses “yankees”, protegendo e expandido os negócios de suas empresas no Brasil (MOLINA, 2016). A cooperação militar entre as forças armadas dos países também

é destacada no documento, pois o Brasil era fundamental para a segurança interna e externa dos norte-americanos em um contexto de acirrados conflitos da Guerra Fria (MOTTA, 2014).

Foto 5 – Professores da Ohio University (USAID) e suas famílias, no “*campus* da USP de Piracicaba”.



Fonte: acervo do Museu “Luiz de Queiroz” (s/d).

Apesar dessas declaradas experiências de intercâmbio, em relatório produzido em 1973 e liberado para consulta pública recentemente, a agência de inteligência norte-americana (CIA), infiltrada na sociedade brasileira, produziu um estudo sobre o desenvolvimento da ciência brasileira e diagnosticou que, apesar da ocorrência de alguns progressos com os intercâmbios e outras atividades integradas, alguns fatos negativos barravam o maior desenvolvimento da ciência no Brasil, como a perseguição contra os professores e pesquisadores não alinhados ao regime militar e a fraca inovação tecnológica nacional com escasso impacto nos meios de produção (sistema produtivo), pois “o crescimento econômico tinha como base principal a tecnologia importada” (MOTTA, 2014, p. 286).

Ainda sobre as deficientes atividades científicas brasileiras, outro relatório de 1978 da mesma agência secreta estadunidense relatava que seus informantes infiltrados no Brasil teriam chegado à conclusão de que as universidades brasileiras produziam impactos insignificantes na indústria local, não por incompetência dos seus cientistas, mas em razão da estrutura produtiva do país. No geral, havia pequenas empresas com objetivos produtivos que não requeriam inovação ou que não tinham capacidade de introduzir novas tecnologias no sistema produtivo, “e menos ainda de montar laboratórios próprios. Na outra ponta estavam as multinacionais, cujas necessidades tecnológicas eram supridas pelas matrizes” (MOTTA, 2014, p. 287).

No decorrer da ditadura militar, os funcionários do Government Accountability Office (GAO), órgão responsável por auditoria, avaliações e investigações do Congresso dos Estados Unidos, ao estudar o histórico dos programas ligados à “Aliança para o Progresso” no Brasil, diagnosticaram que pouco havia sido feito para reduzir as desigualdades sociais – uma das grandes promessas dos estadunidenses com a implantação de seus programas no país –, ao mesmo tempo que havia denúncias de que os repasses de dólares aos brasileiros não estavam sendo investidos na educação pública, mas sim no sistema privado, podendo significar o uso de verbas públicas dos cidadãos estadunidenses para empresários brasileiros. Essas denúncias, o diagnóstico de fracasso da aliança internacional, uma opinião pública internacional crescentemente contra a ditadura militar brasileira e os problemas da economia capitalista advindos da crise do petróleo em 1973 reforçaram o afastamento entre os dois países. O ápice desse distanciamento foi o fim do acordo militar em 1977 entre Estados Unidos e Brasil, em vigor desde 1950. O resultado desse esfriamento de relações entre os dois países foi o desmonte dos programas da USAID nos diversos estados brasileiros. Em 1975, restava somente a presença simbólica desses programas “salvacionistas” norte-americanos, sendo que a agência que prometera acabar com a “autocracia” comunista colaborou, de forma direta e indireta, para a manutenção das ditaduras militares dos países latino-americanos (MOTTA, 2014).

Outro fator de importância para a crise entre Estados Unidos e Brasil foi a política de Jimmy Carter (1977-1981) de crítica às violações dos direitos humanos praticadas pelo regime militar.

Apesar disso, na década de 1980, intercâmbios continuaram a existir entre a ESALQ/USP e os Estados Unidos, especialmente na área de agri-

cultura, de recursos naturais e também no curso de economia doméstica. Nesse contexto, o principal intercâmbio ocorreu entre o United States Department of Agriculture e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Pesquisa (CNPq), quando 14 professores conseguiram bolsas para estudar em Ohio e 13 norte-americanos da OSU vieram colaborar em Piracicaba, números baixos em comparação ao período de ouro da década de 1970, quando o país vivenciou o famoso “milagre brasileiro” (1969 a 1973), oposto à “década perdida”, representada pelos anos 1980. Na transição da década de 1980 para a de 1990, o convênio continuou concentrando pesquisas em biotecnologia e engenharia agrícola.

Considerações finais

Este artigo comprovou a influência histórica dos Estados Unidos na educação agrícola paulista de nível médio e superior nos séculos XIX e XX. A presença (professores, agências de fomentos e o próprio governo estadunidense) foi demandada e consentida pela elite brasileira, quer por fatores ideológicos, quer por fatores políticos, econômicos e culturais. Em decorrência das origens históricas coloniais brasileiras e sua independência artificial em 1822, o país conviveu com a falta de projetos de soberania, bem como com baixos investimentos na constituição de uma base técnico-científica nacional e autônoma, o que influenciou a classe dirigente “entreguista” a procurar auxílio estrangeiro e se subordinar aos condicionantes dos países imperialistas, os quais, em contrapartida, aproveitaram-se dessas carências brasileiras para fortalecer seu domínio geopolítico, cultural e econômico na terra *brasilis*, fomentando o lucro de suas empresas e a influência de seus governos e aparelhos estatais, embora alguns desses estrangeiros fossem “bem-intencionados” na tarefa de combater a miséria brasileira em um contexto de Guerra Fria, visto que a pobreza é combustível para o florescimento de ideias socialistas e comunistas (uma dessas estratégias era a Reforma Agrária, projeto falido com o golpe de 1964)

Historicamente, a educação, a ciência e a extensão agrícola da “Luiz de Queiroz” foram influenciados pelos Estados Unidos, principalmente pelas universidades do norte e nordeste estadunidense, como foi o caso da Ohio State University, Michigan Agricultural College, Cornell University (College of Agriculture) e da Universidade de Illinois (Agriculture Illinois State University), instituições pertencentes às regiões do

East-North Central, Middle Atlantic. Outras instituições que também participaram foram a California University e a North Carolina State University. Entre as agências de fomento, filantrópicas e governamentais obteve destaque a Rockefeller Foundation, o United States Department of Agriculture, United States Agency for International Development, American International Association for Economic and Social Development (AIA), a International Basic Economy Co (IBEC), a Ford Foundation e a Igreja Metodista.

Principalmente na Segunda Guerra Mundial e na Guerra Fria, a ESALQ/USP, como todo o Brasil, foi forçada a se alinhar ao bloco ocidental liderado pelos Estados Unidos e sofreu intervenções diretas e indiretas, como foi o caso da presença do governo estadunidense na burocracia brasileira pelas vias da USAID ou até mesmo sua presença militar no litoral brasileiro para dar suporte ao golpe civil-militar de 1964.

Em suma, constatou-se que o projeto imperialista de potências estrangeiras e de empresas multinacionais floresceu no Brasil facilmente, pois foi alimentado pela carência de um projeto nacional brasileiro que buscasse a independência da nação pelas vias de sua autonomia técnico-científica.

Recebido em: 17/04/2019

Revisado em: 06/05/2019

Aprovado em: 10/06/2019

Notas

1 Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), *campus* de Vitória. E-mail: molinaprof@hotmail.com

2 Este artigo é resultado de parte das pesquisas desenvolvidas no doutorado na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), financiadas por recursos estaduais e federais (CAPES e CNPq) com apoio da Universidade de Turim (UNITO), na Itália.

3 O homestead act nos Estados Unidos resultou no Land-Grant College Act de 1862, ou Morrill Act. Promulgado no Congresso, a lei forneceu doações de terras federais na extensão de 12.140 hectares para os estados construírem escolas especializadas em agricultura e artes mecânicas (MOLINA, 2011).

4 A Igreja Católica, por sua vez, construiu o “Colégio Salesiano Assunção”. Na época, foi observada uma disputa ideológica entre essas duas igrejas na formação educacional na cidade, já que “no mesmo mês de fevereiro de 1883, quando se realizam as anunciadas

cerimônias de lançamento da pedra fundamental do ‘Colégio Piracicabano’ (metodista), a Igreja Católica lançou a pedra fundamental para a construção do ‘Colégio Assunção (salesiano)’” (TERCI, 2007, p. 75).

5 Underdown ficou famoso na época por ter sérias dificuldade em aprender o português (PERECIN, 2004).

6 Franco (1997) também atribuiu o “atraso” agrícola nacional aos reflexos das relações “impostas” pelas nações centrais da Europa e pelos Estados Unidos, que, no mercado internacional, buscavam pelos produtos primários mais baratos. Os fazendeiros brasileiros, produtores de café, esforçavam-se para atender a essas demandas internacionais por meio de uma produção atrasada, ou seja, sem muitos procedimentos educacionais e de pesquisa, a bem dizer, sem bases técnico-científicas. A agricultura era extensiva, quantitativa, e não qualitativa. “E foi esta opção que dominou por completo a sua prática econômica na primeira metade do século: “procuravam seu lucro na quantidade e negligenciavam as qualidades” (FRANCO, 1997, p. 186).

7 Na década de 1950, assim como a USP/ESALQ, também contaram com assistência de agências estadunidense a UREMIG e a UFRGS (especialmente da Fundação Rockefeller). No entanto, ao contrário da escola paulista e da mineira, a prioridade no Rio Grande do Sul foi o ensino e pesquisa da geologia, dinâmica alterada na década de 1960, quando ambas as instituições concentraram seus trabalhos na área das Ciências Agrárias. Para tanto, consultar Jacobs (2004) e Ribeiro (2009).

8 Documentos dos Estados Unidos revelam que, no decorrer da preparação para o golpe de 1964, as forças golpistas nacionais receberam suporte logístico e financeiro de diversas fontes estadunidenses. É comprovado que durante o mês de abril de 1964 uma frota de navios da marinha norte-americana estava em operações no litoral brasileiro para dar suporte militar aos golpistas em caso de resistência das forças legalistas pró-Goulart (FICO, 2008).

9 Em janeiro de 1949, o presidente Truman, dos Estados Unidos, destacou a importância do “Ponto IV”, que tratava da assistência técnica aos países em desenvolvimento para impedir o seu deslocamento para a órbita comunista (CAPEDEVILLE, 1991).

10 A modernização técnico-científica não alterou as estruturas sociais brasileiras (MOLINA, 2016).

11 Outros participantes e diretores do projeto foram: o brasileiro Renato Catani e o estadunidense Kenneth R. Marvin (Associate Regional Director).

Referências

CAPDEVILLE, Guy. **O Ensino Superior Agrícola no Brasil**. Viçosa-MG: Imprensa Universitária, 1991.

ESALQ – Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”. **ESALQ75 – 1901-1976: 75 anos a serviço da pátria**. Piracicaba: ESALQ, 1975.

FERRAZ, Mário de Sampaio. **Piracicaba e sua Escola Agrícola**. Bruxelas: Imprimerie V. Verteneuil & L. Desmet, 1911.

FICO, Carlos. **O grande irmão da Operação Brother Sam aos anos de chumbo: o governo dos Estados Unidos e a ditadura militar brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. **Homens livres na ordem escravocrata**. 4. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

JACOBS, Camila Campos. **A participação da United States Agency for International Development (USAID) na reforma da universidade brasileira na década de 1960**. 2004. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

LEÃO, Regina Machado (org.). **Trinta anos em CENA**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

MOLINA, Rodrigo Sarruge. **Escola Agrícola Prática “Luiz De Queiroz” (ESALQ/USP): sua gênese, projetos e primeiras experiências - 1881 a 1903**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MOLINA, Rodrigo Sarruge. **Ditadura, agricultura e educação: a ESALQ/USP e a modernização conservadora do campo brasileiro (1964 a 1985)**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

MORIMONT, Leon. **Jornal Gazeta de Piracicaba**, Piracicaba, 21 ago. 1893.

MOTTA, Rodrigo Sá. **As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

RIBEIRO, Maria das Graças Martins. A USAID e o ensino agrônomico brasileiro: o caso da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 3, p. 453-463, set./dez. 2009.

PERECIN, Marly Therezinha Germano. **Os passos do saber**: a Escola Agrícola Prática Luiz de Queiroz. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

TERCI, Eliana Tadeu. **A cidade na Primeira República**: imprensa, política e poder em Piracicaba. 1997. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 1997.

USAID/ESALQ. **Relatório semestral entre a United States Agency for International Development (Ohio State University) e a Universidade de São Paulo (ESALQ)**. Piracicaba, 1964. (Acervo da ESALQ/USP, documento n° 65.1.8788.1.0, caixa 2868).

WELCH, Clifford. **Rockefeller and the Origins of Agribusiness in Brazil**: A Research Report. RAC, 2014. Disponível em: <https://www.issueelab.org/resources/27973/27973.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2019.